ESTRATÉGIAS METADISCURSIVAS ENVOLVIDAS NA INTERPRETAÇÃO DE PROVÉRBIOS METAFÓRICOS POR PESSOAS COM AFASIA

NATHÁLIA LUIZ DE FREITAS¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais –
IFSULDEMINAS – campus Poços de Caldas
Rua Dirce Pereira Rosa, 500 – 37713-100 – Poços de Caldas – MG – Brasil.

nathalia.freitas@ifsuldeminas.edu.br

Resumo. *Investigamos a emergência de estratégias metadiscursivas na interpretação de provérbios metafóricos por afásicos. Nossa perspectiva é sociocognitiva e interacionista (KOCH; CUNHA-LIMA, 2011). O corpus é constituído por explicações de sentidos e indicação de situações de uso de provérbios por afásicos. As análises baseiam-se na subdivisão das estratégias metaformulativas, modalizadoras e metaenunciativas (KOCH, 2004). Verificamos a ocorrência dos três tipos de estratégias, especialmente as metaformulativas. Essa emergência ressalta as características linguístico-cognitivas da condição, evidenciando tanto dificuldades para categorizar, evocar e predicar, quanto tentativas de contornar os obstáculos interpretativos conforme as possibilidades de reorganização sociocognitiva.*
Palavras-chave: *provérbios; estratégias metadiscursivas; afasia.*

Abstract. *We investigated the emergence of metadiscursive strategies in the interpretation of metaphorical proverbs by aphasics. Our perspective is sociocognitive and interactionist (KOCH; CUNHA-LIMA, 2011). The corpus consists of explanations of meanings and indication of situations of use of proverbs by aphasics. The analyzes are based on the subdivision of metaformulative, modalizing and metaenunciative strategies (KOCH, 2004). We verified the occurrence of the three types of strategies, especially the metaformulatives. This emergence highlights the linguistic-cognitive characteristics of the condition, showing both difficulties in categorizing, evoking and predicating, as well as attempts to circumvent interpretive obstacles according to the possibilities of socio-cognitive reorganization.*
Keywords: *proverbs; metadiscursive strategies; afasia.*

¹ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, *campus* Poços de Caldas, onde atua como docente permanente do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional ProfEPT.

INTRODUÇÃO

O fenômeno metafórico consiste em terreno fértil para a investigação da conceptualização nas afasias, definida pela literatura neurolinguística tradicional como sequele neurológica que provoca alterações essencialmente (meta)linguísticas, isto é, relativas ao sistema linguístico (JAKOBSON, 1981; LEBRUN, 1983). Tal perspectiva tem alicerçado a investigação da interpretação de provérbios nesse contexto por concepções de natureza conceptualista e psicológica da cognição, cuja base metodológica é o emprego de experimentos sociocognitivamente descontextualizados ou baterias de testes-padrão (MORATO, 2012).

Nessa condição clínica, a competência de realizar operações de natureza meta, concernente à atividade reflexiva (recursiva, reguladora) que permite aos indivíduos voltarem-se sobre suas ações e processos cognitivos, está no centro das explicações neuropsicológicas para as dificuldades linguístico-cognitivas comumente apresentadas pelos indivíduos. O que se coloca, então, é que tais capacidades estariam prejudicadas ou mesmo perdidas.

Ao identificar problemas linguístico-cognitivos de acordo com as sintomatologias das afasias, esse posicionamento suscita duas importantes questões. Primeiro, tal perspectiva minimiza a importância da função reguladora da linguagem (VYGOTSKY, 1987) quanto ao seu papel constitutivo e estruturante em relação a outros processos cognitivos, já que a cognição linguística atua na mediação necessariamente simbólica entre as referências do mundo social e do mundo biológico (MORATO, 1991). Em segundo lugar, essa ótica desconsidera que a metaforicidade é um processo sociocognitivo e discursivo que se configura no uso, de modo a empregar os provérbios como um mero instrumento avaliativo, representacional, do estado linguístico-cognitivo nas afasias.

Os estudos que se baseiam em modelos fortemente biomédicos de explicação das doenças, em geral, tratam o fenômeno metafórico nas afasias em termos de metalinguagem *stricto sensu*, então reduzida à função metalinguística, desconsiderando outras propriedades meta que vão para além do sistema linguístico – metaenunciativas, metadiscursivas, metaformativas, metacomunicativas (MORATO, 2008; 2012). Por outro lado, entendemos, a partir de modelos explicativos psicossociais, de ordem socionteracional, que, na semiologia afásica, a linguagem, direta ou indiretamente, concerne a outros processos cognitivos que interatuam na construção do sentido (MORATO, 2010; MORATO, 2012).

Dada a complexidade do fenômeno metafórico, as concepções que subjazem à nosologia biomédica das afasias e o papel das competências linguísticas e cognitivas nessa condição clínica, este estudo engloba questões relativas às – ainda vigentes – dicotomias linguagem/cognição, biológico/cultural, literal/figurado, convencional/novo, além de aspectos concernentes a distinções categóricas, como cognição/metacognição e linguagem/metalinguagem. A partir do estabelecimento de interfaces entre a Neurolinguística, a Linguística Cognitiva e a Semântica, nosso empreendimento aqui consiste em identificar e caracterizar a emergência de estratégias metadiscursivas – metaformativas, modalizadoras e metaenunciativas (KOCH, 2004) – na interpretação de provérbios metafóricos por afásicos.

Para tanto, constituímos nosso *corpus* a partir da utilização de um protocolo de expressões metafóricas – elaborado e previamente testado – em entrevistas realizadas com duas pessoas afásicas. O desenho experimental da pesquisa teve por interesse não apenas eliciar a produção de conteúdos semânticos relativos à significação e aos contextos de uso das construções figurativas, mas também identificar e analisar os processos (meta)enunciativos e discursivos de que os interlocutores lançam mão no decurso interpretativo, com ênfase para as variadas estratégias utilizadas por eles.

Portanto, ainda que empregemos um instrumento metodológico comum a abordagens biomédicas – um teste de explicação verbal de provérbios –, o nosso enquadramento epistemológico não está nas atividades de processamento do conhecimento em nível individual. Por outro lado, em consonância ao que assinala Marcuschi (2002), esta investigação preocupa-se com as atividades de construção do conhecimento que são levadas a cabo nas interações sociais, em atividades linguísticas situadas, das quais emergem as significações de estruturas conceptuais complexas. Essas práticas interacionais de co-construção dos sentidos envolvem necessariamente uma série de processos e estratégias linguísticas, discursivas, contextuais e multimodais, que, nas afasias, podem ainda evidenciar alternativas eficientes de contornar as suas dificuldades provenientes dos comprometimentos linguístico-cognitivos.

OS PROVÉRBIOS E A METAFORICIDADE

Provérbios fazem parte das nossas práticas de linguagem cotidiana, além de serem comumente utilizados como um dos índices do estado linguístico-cognitivo de indivíduos em circunstâncias patológicas nos procedimentos clínicos de avaliação. Embora a sua definição esteja longe de ser um consenso entre os estudiosos das diversas áreas que se ocupam desse formato enunciativo, adotamos a noção abaixo:

provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade lingüística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, 68 empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar (XATARA; SUCCI, 2008).

Portanto, uma das principais características dos provérbios é o fato de serem construções de natureza formulaica, ou seja, sequências de elementos em que o significado é pré-fabricado, armazenado e recuperado a partir da memória (WRAY; PERKINS, 2000). Trata-se de “estereótipos linguísticos” (AMOSSY; PIERROT, 1997), através dos quais atuamos retórica, performativa e argumentativamente, que têm o percurso sociocognitivo assegurado pela forma analógica, alusiva e figurada com que manipulamos a relação entre língua e realidade (MORATO, 2008).

Outra característica da proverbialidade é que as suas expressões denotam situações genéricas, não ancoradas no espaço e no tempo e centradas no homem, consistindo em sequências de itens cujo significado convencional, em geral, não é composicionalmente construído e cuja fixidez formal é de base semântico-referencial (KLEIBER, 2000). Logo, é possível depreender a existência de algumas características

semânticas, lexicais e sintáticas em sua configuração, como as afirmações categóricas – *quanto maior a altura, maior o tombo* –, os termos (pronominais ou nominais) indefinidos – *quem semeia vento colhe tempestade* –, os verbos no presente do indicativo – *a união faz a força*. São comuns provérbios com organização rítmica – *água mole em pedra dura tanto bate até que fura* – e estrutura sintática binária (paranomásia) – *quem não chora, não mama*.

Entre os aspectos considerados por Xatara e Succi (2008) como sendo os caracterizadores do provérbio, destacamos os seguintes: i) frequência; ii) lexicalização – na qual a opacidade do significado não corresponde necessariamente à sua não composicionalidade; iii) origem na coletividade; iv) cristalização que remonta o passado; v) tradição; vi) universalidade; vii) função de eufemismo; viii) autoridade; ix) polifonia; x) ideologia; xi) contexto e intertextualidade; xii) humor, criatividade e crença; e xiii) moral da história.

Existem os provérbios em que a metaforicidade está ausente, como em *quem tudo quer nada tem*, e aqueles nos quais ela é o seu vetor constitutivo, como em *águas passadas não movem moinhos* – que veicula a ideia de irreversibilidade de fatos em razão da sequencialidade temporal (SÉ, 2011). Nessa perspectiva, os provérbios metafóricos são construções linguísticas em que ocorrem mapeamentos entre domínios que instanciam metáforas conceptuais (LAKOFF; JOHNSON, 1980). De acordo com Siqueira e colaboradores (2017, p. 161), “as situações específicas mencionadas nos provérbios veiculam uma ideia genérica que pode ser aplicada em diferentes contextos e situações. O fenômeno das metáforas, portanto, é um fenômeno intrínseco ao dos provérbios”.

No entanto, o mapeamento metafórico que ocorre no provérbio e seu consequente significado vai muito além das relações entre os domínios conceptuais envolvidos, abarcando a própria função sociopragmática desse tipo de expressão. Isso acontece porque, em geral, um provérbio faz referência a uma situação vivenciada e comprovada no cotidiano, de rápida compreensão e apresentada como sendo previsível para outras situações de maior complexidade e com entendimento menos imediato. Nessa ótica, “um provérbio em vez de ter uma metáfora passa a ser uma metáfora” (TEIXEIRA, 2016, p. 217).

Teixeira (2016) parte do pressuposto básico da Teoria da Relevância e utiliza o provérbio *o sol quando nasce é para todos* com a finalidade de explicar como se configura o fenômeno metafórico na proverbialidade. De acordo com o autor, o uso dessa expressão não pretende veicular uma informação óbvia e conhecida, de modo que o interlocutor, ao reconhecer isso, parte do enunciado irrelevante – *o sol quando nasce é para todos* – e busca engatilhar um outro sentido que a asserção pode ter naquele contexto. Nessa ótica, segundo Teixeira, o provérbio apresenta “como domínio Fonte da metáfora, não um objeto simples, mas uma situação envolvendo várias componentes que pretendem demonstrar, uma a uma, que o Alvo que se quer atingir se pode compreender a partir do que se passa com a Fonte” (2016, p. 218).

Essa ponderação é importante porque tanto evidencia a complexidade do mapeamento metafórico nos provérbios que, em geral, tratam de situações que envolvem diferentes elementos e relações, quanto aponta a importância da função comunicativa desse formulaico no estabelecimento de sua metaforicidade. No entanto, boa parte dos

provérbios não veicula informações “literalmente irrelevantes”, mas, chama a atenção para algum atributo do alvo (tópico) por meio do que é proposicionado no veículo (fonte). Esse é o caso do provérbio *o amor é cego*, em que o veículo, constituído pela própria expressão, torna saliente a propriedade de desconhecimento associada a um estado sentimental, ativando o mapeamento das metáforas conceptuais VER É SABER e SENTIMENTO É SER HUMANO.

Embora os mapeamentos sejam fundamentais para a significação apropriada de um provérbio, eles não são o bastante. Para além das características estritamente conceptuais do enunciado proverbial importa, tendo em vista a definição feita por Xatara e Succi (2008), considerar o seu caráter cristalizador de experiências coletivas de falantes de uma comunidade linguística e a sua função injuntiva-argumentativa, por meio da qual um provérbio aconselha, ensina, adverte, consola etc., em uma determinada situação discursiva. De acordo com Morato (2008, p. 162-163), essa cristalização linguístico-cognitiva:

que pode ser entendida como provisória dada sua contingência histórica, depende também de várias formas de funcionamento da memória (histórica, social, discursiva, semântica, pessoal). O caráter formulaico dessas expressões é garantido em especial pela força da tradição cultural e pela remissão a representações, pressupostos ou pré-construídos reconhecidos, compartilhados ou renovados pelos falantes em situações socialmente situadas (MARCUSCHI, 2002).

Portanto, um provérbio constitui-se também de uma série de processos enunciativos, reflexivos, organizados a partir de uma relação complexa com outros discursos, “pré-construídos” (AUTHIER-RÉVUZ, 1998). A proverbialidade faz parte do que Morato (2012, p. 46) denomina de “realidade heterogênea da instanciação enunciativa”, na qual emergem “diferentes e variados processos meta (metalinguísticos, metaenunciativos, metaformativos, metacomunicativos, etc.) no curso da enunciação”. Trata-se de processos que indicam a natureza reflexiva da linguagem, a qual, por sua vez, reflete-se qualitativamente nas integrações entre operações linguístico-cognitivas e pragmáticas.

Dessa maneira, ao ser uma forma metaenunciativa, o provérbio instancia, a um só tempo, marcas de reflexividade e subjetividade na apropriação sociocognitiva da linguagem. Na configuração do enunciado proverbial, podem ser observados diversos processos sociocognitivos e enunciativos em ação, como os já citados – mas, não apenas – mapeamentos metafóricos, uso de sistemas de memória e operações de caráter meta, os quais evidenciam a exigência de uma competência pragmático-discursiva.

A COMPETÊNCIA META E AS AFASIAS

No campo da Neurolinguística, a afasia tem sido definida como um problema atinente à metalinguagem, ou, mais especificamente, como a alteração na capacidade de realizar operações metalinguísticas (JAKOBSON, 1981; LEBRUN, 1983), cujo foco está no manejo dos conteúdos linguísticos internos de caráter cognitivo e no controle referencial, isto é, lógico-semântico, da linguagem (MORATO, 2003).

Os distúrbios afásicos, conforme Jakobson (1981), consistem na deterioração da faculdade de seleção e substituição ou da faculdade de combinação e contexto. No primeiro caso, haveria uma alteração da capacidade de realizar operações metalinguísticas propriamente ditas, enquanto no segundo haveria uma dificuldade maior quanto à hierarquia das unidades linguísticas (como nos casos de agramatismo, por exemplo).

Segundo Jakobson (1981), os afásicos exibem dificuldades que tendem a interferir ou na sua capacidade de selecionar unidades linguísticas ou na sua capacidade de combiná-las, as quais refletem no funcionamento dos eixos sintagmático e paradigmático. No eixo paradigmático, os problemas afásicos ocorrem na seleção e substituição de elementos linguísticos, enquanto a sua combinação e o contexto verbal estão relativamente preservados. Nesse eixo, a compreensão limita-se a situações concretas, diminuindo a possibilidade de recombinações semânticas ou abstratas, metafóricas. Por outro lado, no eixo sintagmático, os déficits afásicos são desencadeados na combinação dos elementos e no contexto verbal, de modo que a seleção e a substituição de elementos linguísticos se mantêm relativamente estáveis. Em tal eixo, há dificuldades na capacidade de combinar as unidades linguísticas.

De acordo com Morato:

Para ele [Jakobson], a metalinguagem é deficiente nos afásicos que apresentam uma desordem de similaridade; nesse caso, apesar das instruções, os sujeitos não podem responder à palavra estímulo do examinador com uma palavra ou uma expressão equivalente e carecem da capacidade de construir proposições equacionais. Então o contexto mostra-se decisivo neste tipo de distúrbio, pois o sujeito apoia-se na contiguidade para contornar seus problemas relativos ao processo de decodificação. A função metalinguística, aquela em que se usa a linguagem para falar sobre a linguagem (isto é, o código), seria da ordem da fala, e é concebida apenas como expressão externa de conteúdos internos ou do pensamento (MORATO, 2005, p. 260).

Assim, em termos jakobsonianos, podemos relacionar dificuldades no processamento metafórico (ou processo de metaforização) ao distúrbio da similaridade, e dificuldades no processamento metonímico ao distúrbio de contiguidade. Os quadros de afasia apresentados pelos participantes, como veremos, ainda que associados prioritariamente a um tipo e outro (participantes MN e LM, respectivamente), exibem, no entanto, elementos comuns aos “dois tipos de afasia” descritos na literatura neurolinguística tradicional, a partir dos trabalhos pioneiros de Jakobson (MORATO, 2010).

De acordo com outro pioneiro dos estudos afasiológicos, Goldstein (1961), a afasia consiste em uma deterioração de natureza abstrata – concebida em termos de metalinguagem – que ocorre no caso de pessoas que sofrem determinadas lesões cerebrais. Segundo o autor, no contexto afásico, são comuns dificuldades para evocar palavras, bem como associar uma palavra a mais de um sentido e a mais de um objetivo; logo, o que está perdida é a capacidade de criar abstração. Nessa perspectiva, a conduta abstrata relativa à linguagem está diretamente associada à sua função representativa, portanto, de categorização mental.

Segundo tais concepções, o que estaria na base dos déficits linguísticos observados nos diferentes níveis da linguagem afásica seria a capacidade reflexiva concernente à língua, portanto, uma questão de competência (meta)linguística circunscrita a um domínio cognitivo. No entanto, a partir de uma perspectiva mais funcionalista, integrativa e sociodiscursiva, a afasia é concebida como uma questão de linguagem, ou seja, um problema de ordem essencialmente discursiva que não se reduz a níveis linguísticos, uma vez que abrange tanto a estrutura da linguagem quanto o uso que fazemos dela (MORATO, 2002).

Assim, segundo Morato (2005), nas afasias, tradicionalmente, e ainda hoje de forma predominante no campo dos estudos neurolinguísticos (ALSHÉN, 2006), os déficits de metalinguagem ou são atribuídos a problemas relativos ao pensamento abstrato, sob a perspectiva de Goldstein (1961), ou a alterações na capacidade de efetuar operações metalinguísticas, nos termos de Jakobson (1981).

Como observa Hebling (2009), o tratamento teórico focado na metalinguagem, não raras vezes circunscrita à função metalinguística (nos termos de Jakobson), reduz essa competência ao manejo meramente mental, o que estabelece uma forte distinção entre linguagem e metalinguagem. Para entender o funcionamento da interpretação de provérbios metafóricos no contexto das afasias, não podemos reduzi-la à habilidade metalinguística *stricto sensu*; o trabalho interpretativo diz respeito a uma competência pragmático-discursiva de atuar com e sobre a linguagem, a qual não estaria suprimida ou perdida no contexto afásico (MORATO, 2003; 2005).

Não atribuímos à metalinguagem apenas a sua dimensão metalinguística, de modo a expandi-la. Tal qual Morato (2005), admitimos uma perspectiva discursiva do fenômeno, que o associa a uma “capacidade ‘mais ou menos’ consciente que os falantes têm sobre o uso que fazem da língua (e da linguagem)” (p. 248). No que se refere às afasias, a forma como compreendemos a metalinguagem reflete o modo como entendemos e abordamos a competência relativamente à linguagem nessa condição. O tipo de concepção de metalinguagem adotado deriva da dupla noção de meta, que, de acordo com Morato:

vinculada primeiro a uma competência de natureza inata e cognitiva, em Linguística, a ideia de “meta,” em geral, diz respeito tanto à atividade reflexiva da linguagem, isto é, a ação de tomar a si mesma como objeto, quanto ao caráter (psicotécnico, instrumental ou construtivo) de sua ação sobre outros domínios cognitivos, como a percepção, a memória ou os processos de julgamento. (MORATO, 2005, p. 246).

A nossa concepção é de que o componente meta – que alude à metalinguagem, metacomunicação, metaformulação, metadiscurso, metaenunciação etc. – existe de modo integrado ao linguístico e à linguagem. Portanto, estando a reflexividade enunciativa vinculada aos processos de uso da linguagem, a metalinguagem desloca-se teoricamente “da esfera do mental para a esfera de diferentes e solidários processos de significação implicados nas numerosas práticas humanas” (MORATO, 2005, p. 252).

Nesse prisma, a metalinguagem, concebida em seu sentido forte (como estando integrada à linguagem e às suas circunstâncias discursivas e enunciativo-pragmáticas), atua de forma decisiva na constituição da metaforicidade e na interpretação proverbial. No que concerne ao presente estudo, essa atuação diz respeito tanto ao papel da metalinguagem na categorização e na construção referencial dos provérbios, quanto na identificação e explicação dessas expressões, haja vista a estruturação e o funcionamento do Protocolo por meio do qual coletamos os dados, que abordaremos na sequência.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia com base na qual desenvolvemos este estudo tem por alicerce a articulação arbitrada de fundamentos teóricos, bem como procedimentos de coleta, tratamento e análise de dados de domínios que se ocupam do estudo da linguagem em condições clínicas e de áreas cujo interesse é a investigação da interpretação de provérbios. Nossa abordagem está em consonância com estudos do campo da Neurolinguística e seu arcabouço metodológico, os quais são engendrados por “clusters de influências” (AHLSEN, 2006) advindos principalmente de áreas da Linguística e da pesquisa neuropsicológica e biomédica, os quais exigem arbitragem metodológica interdisciplinar.

Nesse prisma, considerando os seus objetivos, esta investigação pauta-se, quanto à coleta, sobre a seleção de participantes (os afásicos LM e MN) e o emprego de um protocolo experimental controlado, e, com relação à manipulação e análise de dados, na utilização de categorias sociocognitivas e interacionais baseadas na observação, as quais são condizentes ao *frame* epistemológico da pesquisa.

O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir da transcrição e seleção de dados audiovisuais, coletados por meio da aplicação do Protocolo de Expressões Metafóricas em uma entrevista. A elaboração do Protocolo, cuja versão final contém 15 provérbios, consistiu de três etapas: I) seleção e descrição das expressões; II) testagem da acurácia das expressões para os propósitos da pesquisa, por meio do desenvolvimento de um Estudo Piloto; e III) construção da versão final do Protocolo, com base nos resultados do Estudo Piloto.

Na dinâmica de aplicação do instrumento, após explicarmos e exemplificarmos o funcionamento do Protocolo, bem como verificarmos se o participante reconhecia a expressão, efetuamos dois procedimentos para cada uma delas. No procedimento 1, foi perguntado “O que quer dizer tal expressão?”, questão esta que, estando no plano enunciativo da menção, requer um trabalho linguístico-cognitivo quanto a operações e asserções metalinguísticas. Se considerarmos as condições neuropsicolinguísticas dos afásicos, as respostas a este procedimento tendem a ser mais dispendiosas, já que eles teriam maiores dificuldades de operarem metalinguisticamente com os elementos linguísticos (gramaticais, lexicais, sintáticos etc.). No procedimento 2, foi pedido que “Imagine uma situação em que caberia o uso desta expressão?”, demanda cujo escopo reside no uso, assinalando, pois, um percurso interpretativo de ordem necessariamente pragmática, para o qual inferência, seletividade e relevância são fundamentais.

Utilizamos como parâmetro analítico quanto à adequação semântico-pragmática das interpretações a Expectativa de Interpretação, que explicita o que se espera de respostas dos participantes, considerando o sentido que é veiculado em cada provérbio. Essa explicitação é realizada com base em descrições linguísticas, fornecidas por dicionários especializados, teses, dissertações e artigos científicos dedicados ao estudo de expressões metafóricas.

Nas análises, consideramos a categoria relevância da resposta obtida, que tem caráter relacional e diz respeito ao nível de adequação da resposta proferida pelo participante tendo em vista a Expectativa de Interpretação. Considerando os dois procedimentos constantes no Protocolo, a noção de relevância está associada à recuperação pertinente do conteúdo semântico-pragmático da expressão em um percurso meta (metalinguístico, metaenunciativo, metadiscursivo etc.) ligado ao uso.

Com base em Wilson e Sperber (2005), partimos do pressuposto de que expectativas de relevância geradas por um enunciado, no caso, um provérbio, podem ser precisas e previsíveis o suficiente para guiarem o interlocutor em direção ao significado produzido pelo locutor. Tendo em vista os procedimentos que compõem o Protocolo, a enunciação de um provérbio é o sinal que conduz o processo de significação diretamente ao contexto de uso (SALOMÃO, 1999), para o qual concorrem diferentes fatores responsáveis por produzirem saliências que levarão à atribuição de relevância.

Além de não ser absoluta, a relevância não tem caráter categórico. De acordo com Wilson e Sperber (2005), a relevância consiste em uma propriedade gradual cuja natureza não se fundamenta em termos de tudo ou nada, mas, é uma questão de graus. Nessa perspectiva, as respostas produzidas pelos participantes da pesquisa quanto aos procedimentos interpretativos para as expressões metafóricas enunciadas podem ser centralmente relevantes, marginalmente relevantes ou irrelevantes, a depender do tipo de relação semântico-pragmática que é estabelecido.

A INTERPRETAÇÃO DE PROVÉRBIOS E AS ESTRATÉGIAS METADISCURSIVAS

Os processos meta evidenciam o trabalho mais ou menos consciente e deliberado do indivíduo sobre a linguagem em uso, enquanto prática sociocognitiva, e apontam a emergência de operações relativas à metalinguagem e à metacognição tomadas em uma abordagem enunciativo-discursiva. Consideramos as formas metacognitivas como processos em que há o monitoramento e o controle do funcionamento sociocognitivo pelo indivíduo, tendo em vista o papel da linguagem e da interação. Assim, a metacognição diz respeito não apenas à competência de pensar sobre o próprio pensamento, mas também à relação constitutiva entre linguagem e cognição (VYGOTSKY, 1987), de modo que os variados usos linguístico-discursivos tendem a exercer diferentes influências sobre o funcionamento (meta)cognitivo.

Nessa perspectiva, de acordo com Morato (2012, p. 46), os interagentes constroem, de modo diversificado, tanto a significação como a estruturação e a gestão do tópico da interação ao longo do seu decurso. Segundo a estudiosa, nessa ação relativamente “consciente dos falantes sobre os referentes ‘centrados na atividade

discursiva' que emergem nos enunciados no decurso da interação [...] [os interactantes] se voltam sobre a estrutura e o modo de funcionamento da linguagem em meio as suas práticas linguísticas”.

Esse caráter reflexivo da linguagem – que se dá em diferentes níveis – e a sua relação constitutiva com outras cognições são postos em relevo na metadiscursividade, a qual, a um só tempo, envolve um trabalho sobre a língua e a exterioridade (MORATO, 2001). Assim, na ótica de Morato:

Constituída por fatores internos e externos à significação linguística, a metadiscursividade tem a ver com a realidade heterogênea da instanciação enunciativa e com a emergência de diferentes e variados processos meta (metalinguísticos, metaenunciativos, metaformativos, metacomunicativos, etc.) no curso da enunciação. (MORATO, 2012, p. 46)

Levando em conta a importância da metadiscursividade para a constituição e o funcionamento das práticas com e na linguagem em interação, bem como os supostos comprometimentos das competências meta nas afasias, na sequência, trataremos dos processos meta que emergem no percurso interpretativo dos participantes deste estudo. Para tanto, consideramos a teorização de Koch (2004), que concebe o metadiscorso como estratégia textual-discursiva de construção de sentido na qual o ato de dizer é tomado como objeto. Por meio das estratégias metadiscursivas, “o locutor avalia, corrige, ajusta, comenta a forma do dizer” (KOCH, 2004, p. 120).

De acordo com a autora, podemos dividir as estratégias metadiscursivas em três tipos: metaformativas, modalizadoras e metaenunciativas, as quais têm em comum as seguintes características:

1) o fato de tratar-se de um trabalho do locutor sobre a língua, sobre seus efeitos e suas circunstâncias pragmáticas; 2) serem configurações enunciativas de reflexividade metadiscursiva; 3) serem todas modalizadoras em sentido amplo, por incidirem sobre o modo como aquilo que se diz é dito, o debruçar-se do enunciadador sobre os enunciados que produz (KOCH, 2004, p. 121).

No entanto, essas estratégias revelam variados níveis de reflexividade linguístico-cognitiva, cujo ponto máximo é alcançado com as metaenunciativas, além de exibirem determinadas propriedades e possuírem objetivos específicos que as diferenciam umas das outras. Assim, as metaformativas têm o próprio texto – o código usado, o estatuto de um segmento textual quanto a aqueles que o precedem ou sucedem, a sua forma de estruturação – como objeto. Já as modalizadoras indicam o grau de adesão, comprometimento, certeza do locutor em relação ao que diz, bem como introduzem comentários, atenuações sobre o seu discurso. As metaenunciativas, por sua vez, tomam a enunciação como objeto de menção.

No *corpus* analisado, ocorrem os três tipos de estratégias metadiscursivas, com ênfase para a maior frequência de operações metaformativas. A principal estratégia metaformativa usada pelos participantes é a autocorreção, ou correção autocondicionada, por meio da qual os indivíduos visam a solucionar inadequações ou

dificuldades, identificadas por eles próprios ou por seus interlocutores, durante ou depois da materialização de um segmento. No excerto abaixo, ao interpretar o provérbio *amor com amor se paga*, MN, procede a uma autocorreção – não. num é isso essa era da outra – ao perceber por si mesma que, em sua resposta, está confundindo esse enunciado proverbial com outro proferido anteriormente, *quem não chora, não mama*.

- 16 NF amor com amor se paga.. a senhora já ouviu/
 17 MN eu já ouvi eu essas coisas mas num sei. num sei explicar
 18 NF mas o que que a senhora acha que essa significa/ amor com amor se paga
 19 MN se se se se uma pessoa. faz uma coisa com vontade: por amor mesmo... quem não chora não mama.. é isso/ não. num é isso essa era da outra

Trata-se de uma autocorreção associada à estruturação do evento discursivo, que, por sua vez, envolve a apresentação de diferentes expressões metafóricas. Ao se dar conta de que, embora estivesse iniciado a atribuição de sentido ao provérbio imediatamente enunciado pela pesquisadora, referiu-se à expressão interpretada anteriormente, MN procedeu a uma pronta autocorreção, negando a adequação do seu enunciado à interlocução em curso.

Outra estratégia metaformativa identificada no *corpus* é a correção heterocondicionada, cuja emergência é provocada pelo interlocutor. Diferentemente da autocorreção, nesse tipo de reparo, a identificação e a indicação da inadequação produzida são feitas pelo parceiro da interação. No excerto seguinte, LM realiza essa modalidade corretiva no processo interpretativo do provérbio *não coloque o carro na frente dos bois*.

- 127 NF e essa daí: ela: quer dizer o que/.. que que a gente quer dizer com ela/
 128 LM que que tá errado o carro tem que: andar:. na frente:. não atrás dos bois dos bois
 129 NF é/ ((risos)) o carro tem que andar atrás dos bois né/
 130 LM atrás dos bois

Em sua interpretação, LM afirma que o carro tem que: andar:. na frente:. não atrás dos bois dos bois. No entanto, essa expressão declara justamente o contrário, o que leva a pesquisadora a interpelar o participante, questionando-o por meio da afirmação interrogativa o carro tem que andar atrás dos bois né/. Consequentemente, LM responde à pergunta com uma correção quanto ao que havia dito – atrás dos bois.

A estratégia de modalização mais recorrente no *corpus* é a atenuação, por meio da qual os participantes buscaram, de forma geral, preservar a face, assim como marcar o grau de comprometimento e o nível de certeza com relação ao que dizem. No excerto seguinte, LM demarca o grau de certeza do enunciadador com respeito ao que enuncia ao indicar uma situação de uso para o provérbio *quanto maior a altura, maior o tombo* – Ao

dizer – ah.. isso aí.. pra mim.. quer dizer que.. é: a in a inteligência.. que. que é bom né/ né/..... –, o participante assinala a sua crença sobre uma determinada possibilidade de uso da expressão, conforme podemos verificar.

197 NF ((risos)) e imagina uma situação que dá pra gente usar essa expressão eu falo pra você ou cê fala pra mim quanto maior a altura maior o tombo

198 LM ((balançando a cabeça positivamente)).. certo ((balançando a cabeça positivamente)... anh.... bom..... ((balançando a cabeça positivamente)) ah.. isso aí.. pra mim.. quer dizer que.. é: a in a inteligência.. que. que é bom né/ né/..... isso não quer dizer nada quanto maior a altura maior.. os pequeno também. faz.. talvez melhor.. né/

Ainda que com menor frequência que as demais, identificamos no *corpus* a estratégia modalizadora de ressalva, que, em geral, insere comentários ou observações cuja finalidade é a proteção de face. Uma ocorrência interessante é a produzida por MN logo no início do Protocolo, especificamente antes de responder ao procedimento 1 da primeira expressão, *quem não chora não mama*. Depois de inserir uma atenuação antecipada relativa ao grau de comprometimento provavelmente sobre o significado que atribuiria ao provérbio – cá no meu entender –, o participante introduz uma ressalva que, em sua concepção, poderia explicar o desempenho interpretativo a ser obtido – porque eu não não estudei.. foi só até o quarto ano. Vejamos o trecho.

10 NF quem não chora não mama

11 MN eu tenho ouvido falar isso é é quem não chora não mama.. é.. cá no meu entender.. porque eu não não estudei.. foi só até o quarto ano

Por ser usada logo no começo da atividade interativa, caracterizada pela realização de perguntas e a atribuição de respostas sobre os significados e os usos de expressões metafóricas, essa estratégia tem potencial para incidir sobre todo o evento discursivo. Assim, a ressalva feita por MN durante a trajetória interpretativa do provérbio *quem não chora, não mama* pode se estender a todas as outras expressões que serão interpretadas no decorrer da interação entre participante e investigadora.

Por meio das estratégias metaenunciativas, os participantes refletem sobre o que enunciam enquanto enunciam, de forma que menção e uso se integram, sendo manifestados em comentários e observações sobre a atividade enunciativo-discursiva em curso. Trata-se da estratégia metadiscursiva em que há um maior nível de reflexividade, não apenas linguístico-enunciativa, mas pragmático-discursiva, interacional. A operação metaenunciativa que ocorre com mais frequência no *corpus* é a ação de reconhecimento da própria dificuldade durante o percurso interpretativo das expressões. Na sequência, apresentamos um trecho em que LM identifica e reflete sobre as suas dificuldades para interpretar expressões metafóricas.

172 NF cê imagina uma outra situação em que dá pra falar isso.. que num é uma chuva de verdade.. é uma.. é uma situação:

173 LM ah sei sei... ah tá.... ((balançando a cabeça positivamente)) é.... é:: ((balançando a cabeça positivamente)).. nossa

174 NF já tinha pensado nisso/

175 LM cê.. a hora que... você.. fala assim:..... a. a pergunta.. parece que é fácil.. mas.. se for pensando bem

No percurso interpretativo do provérbio *quem entra na chuva é pra se molhar*, LM não apenas afirma a sua dificuldade em interpretar a expressão, mas, comenta sobre a complexidade do procedimento do Protocolo. O participante pondera que, ao ser enunciada, a pergunta feita pela pesquisadora – pedido para imaginar uma situação de uso –, não traz complicações aparentes – cê.. a hora que... você.. fala assim:..... a. a pergunta.. parece que é fácil..., característica esta que, à medida que o processo interpretativo avança, não se confirma, tendo em vista o emprego do marcador discursivo *mas* – *mas se for pensando bem*.

As três estratégias metadiscursivas analisadas são usadas nos percursos interpretativos relativos a ambos os procedimentos do Protocolo. A tendência geral identificada foi uma frequência maior de emprego de estratégias metaformativas e metaenunciativas durante o procedimento 1 e de estratégias modalizadoras ao longo do procedimento 2 do Protocolo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho reflexivo realizado pelos participantes associa-se aos processos meta identificados no *corpus*. Como pondera Morato (2005), a ideia de meta refere-se, a um só tempo, à atividade reflexiva da linguagem – ação de tomar a si própria como objeto – e à natureza de sua ação sobre outras cognições, como memória, percepção e julgamento. É de acordo com essa acepção – integrativa e associada ao funcionamento da metacognição – que entendemos a atuação das estratégias metaformativas, modalizadoras e metaenunciativas que identificamos no *corpus*.

Como já explicitamos, os participantes procedem aos três tipos de estratégias metadiscursivas, sendo que as de maior frequência são as operações metaformativas, especialmente a autocorreção. Essa emergência está relacionada às características linguístico-cognitivas típicas de tal condição, já que os afásicos encontram problemas para categorizar, evocar e predicar acerca do significado e do uso das expressões metafóricas, recorrendo a reformulações, retomadas e autocorreções.

A emergência de tendências relativas ao maior uso de um tipo de estratégia metadiscursiva, a metaformativa, indica que os indivíduos buscam contornar os obstáculos interpretativos encontrados de acordo com as suas possibilidades de reorganização sociocognitiva. Isso não quer dizer que afásicos deixem de atenuar ou inserir ressalvas no curso da interação, mas, significa que as tendências apresentadas

revelam modos como esses indivíduos lidam com as suas dificuldades linguístico-cognitivas.

Dessa maneira, ao usarem estratégias metaformativas, em especial a correção autocondicionada, os participantes estão operando intencionalmente sobre o texto que produzem, de forma a refletirem sobre os seus componentes lógico-textuais, as relações que mantêm entre si e a adequação semântico-pragmática dos termos empregados. Ou seja, ainda que possam ter dificuldades para selecionar ou combinar unidades do sistema linguístico, essas pessoas estão realizando operações com a metalinguagem.

Como destacamos, a correção heterocondicionada consiste em um tipo de estratégia metaformativa cuja emergência é provocada pelo interlocutor, tratando-se, pois, de uma operação eliciada pela pesquisadora. Esse movimento indica uma postura estratégica e direcionada à preservação intersubjetiva da relação discursiva instaurada, atitude esta, que, por sua, vez, depende da operação em concerto de diferentes processos cognitivos, como o automonitoramento, a concentração e a atribuição de relevância. Por meio do uso dessas estratégias – que, além das atenuações, incluem as ressalvas –, os afásicos também procederam à preservação da sua face, bem como à marcação do nível de adesão e ao grau de certeza quanto ao que enunciam.

Logo, as alterações metalinguísticas atribuídas à condição afásica parecem residir no escopo estrutural do sistema linguístico, mas não emergem com relação às práticas com a linguagem. Conforme salientamos, o fornecimento de respostas que não estão associadas de modo direto ao procedimento do Protocolo, as quais atuam como justificativas de não ocorrência da interpretação, visaram à proteção de face do participante (GOFFMAN, 1955) diante da pesquisadora. Essa estratégia modalizadora de atenuação revela a tentativa de defesa da autoimagem do participante, processo este que aponta para a sua reflexividade quanto à situação interativa e está diretamente associado à natureza do evento discursivo, que se baseia na aplicação do Protocolo de Expressões Metafóricas.

Sobre esse aspecto, vale ressaltar que embora seja uma prática linguística, a aplicação do Protocolo possui especificidades que distanciam essa situação comunicacional do uso ordinário que fazemos da linguagem. A principal particularidade é o fato de tal instrumento fazer parte do domínio meta – de metacognição e de metalinguagem –, de maneira que os participantes são instados a terem uma postura reflexiva, cujo objeto é a interpretação das expressões metafóricas com relação ao seu significado e ao contexto de uso. Disso resulta que os indivíduos estão imersos em um evento discursivo de alta concentração, sem a possibilidade de tergiversarem. Se isso ocorre, tem como finalidade a preservação da face, como pudemos observar nos nossos dados.

Entre as estratégias metaenunciativas, chama a atenção a ação de reconhecimento da própria dificuldade durante o percurso interpretativo das expressões, o que indica a sua relevância para esse tipo de episódio interativo. Os participantes da pesquisa expõem, descrevem ou mesmo comentam sobre os obstáculos com os quais se deparam em suas tentativas de interpretação metafórica. Essa postura evidencia uma atitude reflexiva quanto ao que se diz ou ao que não se é capaz de dizer e com relação à própria natureza da atividade enunciativa em curso.

Em consonância com o que assinalam Morato (2005; 2008; 2012), Cazelato (2003; 2008), Hebling (2009) e Sé (2011), podemos observar que as dificuldades linguístico-cognitivas – de naturezas variadas – que caracterizam as afasias não anulam a capacidade de os indivíduos refletirem e atuarem sobre as suas práticas com e na linguagem. Identificar e ponderar sobre essas dificuldades são ações que mostram serem capazes não apenas de perceber os obstáculos que enfrentam para interpretar as expressões, mas também de buscarem reorganizar o processo de construção do sentido.

REFERÊNCIAS

- AHLSÉN, Elisabeth. **Introduction to neurolinguistics**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2006.
- AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg. **Stéréotypes et clichés: langue, discours, société**. Paris: Nathan Université, 1997.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- CAZELATO, Sandra Oliveira. **A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo**. Dissertação. Mestrado em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.
- CAZELATO, Sandra Oliveira. **A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não afásicos**. Tese. Doutorado em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.
- GOFFMAN, Erving. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. **PSYCHIATRY**, v. 18, n. 3, p. 213-231, 1955.
- GOLDSTEIN, Kurt. **La natureza humana a la luz de la Psicopatología**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1961.
- HEBLING, Carolina Barbosa. **Atividades de reformulação na conversação entre afásicos e não afásicos**. Dissertação. Mestrado em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2009.
- JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. Em: JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1981. (Trabalho original publicado em 1954).
- KLEIBER, Georges. Sur les sens des proverbes. **LANGAGES**, 139, p. 39-58, 2000.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. Em: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 251-300.
- LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press: 1980.
- LEBRUN, Yvan. **Tratado de afasia**. São Paulo: Panamed Editorial, 1983.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **REVISTA VEREDAS**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 43-62, 2002.
- MORATO, Edwiges Maria. **Das funções e do funcionamento da linguagem: um estudo das reflexões de L. S. Vygotsky sobre a “função reguladora da linguagem” e algumas implicações linguístico-cognitivas para a Neurolinguística**. Dissertação. Mestrado em

- Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- MORATO, Edwiges Maria. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação antireferencialista dos processos enunciativos. **CADERNO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, Campinas, v. 41, jul./dez., p. 55-74, 2001.
- MORATO, Edwiges Maria. O que ganham heurísticamente com a noção de referenciação os estudos neurolinguísticos?. Em: ALBANO, Eleonora *et al.* (Org.) **Saudades da língua**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- MORATO, Edwiges, Maria. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto. 2005. p. 243-263.
- MORATO, Edwiges Maria. O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. **REVISTA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, jan./jun., p. 157-177, 2008.
- MORATO, Edwiges Maria. **A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas**. São Paulo: Cortez, 2010.
- MORATO, Edwiges Maria. O estudo da metaforicidade no campo da Neurolinguística: velhas questões, novos desafios. In: MOURA, Heronides Maurílio; GABRIEL, Rosângela (Orgs.). **Cognição na Linguagem**. Florianópolis: Insular, 2012.
- SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **REVISTA VEREDAS**, n. 4, Juiz de fora: Editora da UFJF, p. 61-79, 1999.
- SÉ, Elisandra Villela Gasparetto. **Interpretação de provérbios por sujeitos com Doença de Alzheimer**. Tese. Doutorado em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011.
- SIQUEIRA, Maity; PEREIRA, Laura Baiocco.; FERRARI, Caroline Girardi; LOPES, Nichel. Mapeamentos metafóricos e metonímicos em provérbios do português brasileiro. **REVEL**. 15(29), p. 159-175, 2017.
- TEIXEIRA, José. Provérbios, Metáfora e publicidade: a sedução pelos implícitos. Em: REI, Xosé Manuel Sánchez; MARQUES, Maria Aldina (Orgs.) **As Ciências da Linguagem no Espaço Galego-Português - Divergência e Convergência**. 1.^a ed. [PDF] Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, 2016, p. 209-242.
- VYGOTISKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. (Trabalho original publicado em 1934).
- XATARA, Cláudia Maria.; SUCCI, Thais Marini. Revisitando o conceito de provérbio. **VEREDAS ONLINE**, v. 1, p. 33-48, 2008.
- WILSON, Deirdre; SPERBER, Dan. Teoria da Relevância. **LINGUAGEM EM (DIS)CURSO**, v. 5, n. esp., p. 221-268, 2005.
- WRAY, Alison; PERKINS, Michael. The functions of formulaic language: An integrated model. **LANGUAGE & COMMUNICATION**, 20, p. 1-28, 2000.

Artigo recebido em: set. de 2020.

Aprovado e revisado em: nov. de 2020.

Publicado em: dez. de 2020.

Para citar este texto:

FREITAS, Nathália Luiz de. Estratégias Metadiscursivas Envolvidas na Interpretação de Provérbios Metafóricos por Pessoas com Afasia. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Temática, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 22, p. 264-280, jul. - dez. 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol22pagina264a280>